



Negras escolas de samba: a cobertura do Carnaval de Mariana pelo Jornal Ponto Final¹

Elias Costa FERNANDES²

Mestrando

Marta Regina MAIA³

Doutora

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a cobertura jornalística do Carnaval das escolas de samba de Mariana, Minas Gerais, por meio das publicações do Jornal *Ponto Final*, apoiando-se em dois eixos essenciais: as referências negras e locais nos sambas-enredos e o protagonismo de pessoas negras nas agremiações. A discussão é realizada a partir do protocolo metodológico sobre cobertura jornalística que indica as marcas da apuração, as marcas da composição do produto e aspectos da caracterização contextual (SILVA; MAIA, 2011) e é atravessada por questões como a narrativa enquanto ferramenta de produção de sentidos (RICOEUR, 2010) e o samba como um ritmo negro de resistência (AZEVEDO, 2018).

Palavras-chave: história do jornalismo; cobertura jornalística; escolas de samba; narrativas jornalísticas; negritude.

Introdução

“Samba agoniza mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ Antes do suspiro derradeiro/ Samba negro, forte, destemido/ Foi duramente perseguido/ Na esquina, no botequim, no terreiro” (Nelson Sargento).

Ainda hoje, muito se discute a respeito de qual seria – e qual tem sido – o papel do jornalismo na sociedade. O projeto *Journalistic Role Performance* (2014)⁴, por exemplo, elencou seis modelos de exercícios do jornalismo profissional. O primeiro deles, o “disseminador” e “intervencionista”, diz respeito à distância entre o jornalismo

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto; e-mail: elias.fernandes@aluno.ufop.edu.br.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto; e-mail: martamaia@ufop.edu.br.

⁴ Pesquisa internacional realizada em 19 países da Europa, Ásia e Américas do Norte, Central e do Sul, incluindo o Brasil, que analisou milhares de elementos noticiosos, em busca de compreender o estado das culturas jornalísticas.

e os fatos e à centralidade no jornalista, que é um autor. O segundo, “cão de guarda”, refere-se ao vigia dos poderes, sempre na defesa do interesse público. O terceiro, “leal” e “facilitador”, faz referência ao apoio ao governo, de um modo geral, e à colaboração com os poderes. Já o quarto, “de serviço”, tem relação com a disposição da audiência, e o quinto, “infotainment”, dialoga com o entretenimento. O sexto, “cidadão”, por sua vez, evoca a cidadania (SCHMITZ, 2018). Não se pode negar, no entanto, o papel do jornalismo como uma ferramenta de acionamento da memória.

Barbie Zelizer (2014), pesquisadora na área do jornalismo e da cultura, defende que, na sociedade contemporânea, o jornalismo funciona como uma instituição que grava, recorda e recupera. Isto é, a atividade jornalística constrói narrativas que buscam dar sentido às coisas e aos acontecimentos por meio do trânsito constante entre o presente e o passado, com vistas para o futuro. E a narrativa, de acordo com o filósofo Paul Ricoeur (2010, p. 93), “alcança sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal”, o que revela seu caráter dinâmico e demarcador do tempo.

No cotidiano, deparamo-nos com reportagens, notícias, podcasts, documentários e outros produtos jornalísticos que se propõem, muitas vezes, a narrar os acontecimentos do dia a dia. Conferem, assim, uma ideia de veracidade e até mesmo de presença a atores e fenômenos sociais, contribuindo para a uma demarcação no tempo e no espaço. Isso lhe permite, inclusive, tornar-se uma fonte historiográfica para o estudo de um período histórico, uma sociedade, um episódio ou qualquer outro evento que tenha ocorrido. O que não quer dizer, todavia, que essas narrativas sejam inexoráveis ou mesmo retratos de realidades; são versões possíveis do real, sempre determinadas por pontos de vista, ideologias e até mesmo outros tipos de interesses.

Talvez nem seja possível dimensionar a quantidade dos acontecimentos que não são alvo da atenção do jornalismo. Quer seja pela pretensão de não ouvir determinadas vozes, quer seja pela distância da imprensa em lidar, muitas vezes, com determinados assuntos. Atuando em lógicas diferentes nos grandes centros urbanos e nas pequenas cidades, o jornalismo é capaz, inclusive, de não permitir que histórias sejam apagadas pelo tempo quando reserva suas páginas, suas lentes e seus microfones a elas. E isso é o que mais nos interessa neste artigo.

Em Mariana, cidade localizada na região central de Minas Gerais, é possível observar essa relação através da cobertura jornalística dos desfiles das escolas de samba nos Carnavais. A tradição, que não é o carro-chefe da festa momesca local nem da região, existe há cerca de 50 anos, mas parte de sua história parece estar perdida no tempo. A Prefeitura do município, que organizou boa parte dos desfiles (pelo menos aqueles que ocorreram no centro, já que também ocorreram em um distrito, ao longo de anos), não possui um acervo organizado com registros das apresentações. Alguns dos pioneiros já faleceram e outros vão envelhecendo, enquanto contam histórias para as novas gerações, na maioria das vezes apenas com fotografias. A imprensa local em atividade remonta aos anos 1990 e é, hoje, uma fonte precisa, embora tímida, dos ocorridos na avenida. Precisa, porque discorreu sobre pontuações, valores em dinheiro investidos pelo município e porque registrou panoramas dos desfiles em cada ano. Tímida, porque não revela a mesma potência que os testemunhos dos carnavalescos entregam em seus depoimentos.

O negro enredo do samba

O samba é uma entre várias heranças africanas que permeiam a arte e a cultura no Brasil. Ainda que tenha sofrido modificações no decorrer do tempo, ele preserva um estilo negro⁵ em sua composição, como afirma o pesquisador da história da África e do Brasil Amaílton Magno Azevedo (2018, p. 49): “Mesmo sendo um gênero resultante das estruturas musicais híbridas, foi com os símbolos da cultura negra que o samba se tornou expressão musical em todo o Brasil”. Essas modificações buscaram embranquecer o samba para torná-lo um símbolo a identidade nacional, como explica o historiador:

Durante as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música inferior, primitiva e lasciva. A partir dos anos 1930, com a Era Vargas, tornou-se símbolo da nacionalidade. Durante esse período, houve “incentivos ao carnaval das escolas e a utilização da recém-inaugurada radiodifusão”, ajudando “a expandir o gênero nacionalmente” (DINIZ, 2008, p. 16). Nos anos 1940, o “samba passa ser sinônimo de brasileiro e ganha fama internacional, de forma que hoje o mundo inteiro vê o Brasil como berço do carnaval e do samba”

⁵ Amaílton Magno Azevedo (2018, p. 45) argumenta que o estilo negro “se projetou como uma ‘descoincidência’ cultural à modernidade europeia. Estilo este dotado de volume e vibração, tal qual se constata na estética capilar, na polirritmia, no riso, dança, culinária, vestuário, pintura e plasticidade corporal, bem como numa consciência comunitária explicitada na relação entre os vivos e entre esses com o mundo dos ancestrais”.

(DINIZ, 2008, p. 16). Desse modo, o ritmo foi transformado em queridinho do Brasil. Filtrado e adoçado ao sabor do projeto varguista, o samba penetrou o imaginário como símbolo da identidade nacional, da miscigenação e da brasilidade (AZEVEDO, p. 49).

As emissoras de rádio contribuíram para a popularização da festa por meio da divulgação das mais diversas marchas carnavalescas. Muitas delas, cantadas até os dias atuais. Ainda na década de 30, às mulheres foram consagradas diversas músicas, inclusive no sentido de evidenciar a variedade étnica (MAIA, 2019). Em 1932, Lamartine Babo lança uma música que permanece no imaginário popular até hoje: “O teu cabelo não nega”. Em 1933, temos “Linda morena”; em 1934, “Loirinha”, até chegar em 1936, com uma variação do tema com caráter notadamente político. Ari Barroso lança, neste ano, “Paulistinha querida”, em que se pode ler em determinado trecho: “Não és loura, nem morena/ Não tem nada de mulata/ Paulistinha querida/ A tua cor é 32”. O rádio, então, consolida-se como um veículo de popularização do Carnaval que, aos poucos, vai ganhando as ruas de todas as cidades brasileiras.

No entanto, o pesquisador argumenta que essa captura nacionalista não foi hegemônica. Artistas como Nelson Cavaquinho e Leci Brandão versejaram melancolia e crítica social em canções como “A flor e o espinho” e “Zé do Caroço”. “Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor”, escreveu Nelson Cavaquinho; “Como eu queria que fosse em Mangueira/ Que existisse outro Zé do Caroço (Caroço, Caroço)/ Pra dizer de uma vez pra esse moço/ Carnaval não é esse colosso/ Nossa escola é raiz, é madeira”, escreveu Leci Brandão.

O mesmo movimento ocorreu nas escolas de samba do Rio de Janeiro, pioneiras, que passaram a contar histórias dos povos negros em meados da década de 1950; até então, elas contavam, majoritariamente, histórias do Brasil oficial (FARIA, 2016). O pesquisador Guilherme José Motta Faria (2016) cita a Portela, em 1952, com “Brasil de ontem”, samba-enredo composto por Manacéa, que relembra o sofrimento dos tempos de escravidão. Ele também cita a Salgueiro como uma agremiação que levou à avenida, na década seguinte, enredos históricos, como “Quilombo dos Palmares”, em 1960, “Chica da Silva”, em 1963, e “Chico Rei”, em 1964.

Em Mariana, de acordo com depoimentos de carnavalescos das antigas, as escolas de sambas contaram histórias dos povos negros em seus sambas-enredos desde as suas fundações. No entanto, os registros documentais datam a partir da década de

2000, por meio das publicações da imprensa local, especialmente. Em 2007, a agremiação Morro da Saudade, do distrito de Passagem de Mariana, levou à avenida o enredo “Do ouro ao turismo, Morro da Saudade conta a história de Passagem”, do compositor Paquinha. O samba relembra um passado de escravidão, nos tempos da extração de ouro na Região dos Inconfidentes: “Lá vou, eu vou para a Mina/ Vou buscar, pegar o ouro/ Assim, disseram os bandeirantes/ Que vieram em busca de nosso tesouro/ O escravo trabalhou, trabalhou/ E deixou saudade/ Tem capoeira, tem maculelê/ Joga aí que eu quero ver”.

Em 2011, a mesma escola de samba apresentou o enredo “Ribeirão do Carmo: águas de ouro, águas de lixo”, do compositor Psica. Desta vez, evocou figuras do candomblé e da umbanda nos versos: “Mamãe Oxum e Iemanjá/ Choram quando olham para os rios e o mar/As águas de sal estão esquentando/ As doces, definhando/ Um grito de socorro atravessa o ar/ Ó, Nossa Senhora, iluminaí o nosso tempo/ E o velho rio que leva seu nome”.

Em ambos os sambas da Morro da Saudade, nota-se também a presença de referências locais: a história de Passagem de Mariana, distrito onde está localizada a Morro da Saudade e primeira vila de Minas Gerais, e o Ribeirão do Carmo, rio que corta a cidade. Essas referências locais sempre são transpassadas por discussões raciais, já que tanto Mariana quanto toda a Região dos Inconfidentes, onde está o município, possui uma grande população negra que, ainda hoje, convive com a herança da escravatura⁶. Dados do Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁷ revelam a disparidade no rendimento de trabalho médio e mensal entre amarelos (R\$ 832,52), brancos (R\$ 1.592,90), indígenas (R\$ 761,44), pardos (R\$ 947,90) e negros (R\$ 790,66).

É importante ressaltar que a Unidos de Mariana, em 2007, levou à avenida o enredo “Lendas e histórias das matas do Itacolomi”, e, em 2008, desfilou com “Cachoeira do Brumado, sua história, suas artes”. Já a Acadêmicos do Barro Preto, por

⁶ O historiador Rafael de Freitas e Souza (2009, p. 44) faz um relato em sua tese de doutorado: “Empregando mão de obra escrava, a mineração em Passagem era realizada a céu aberto com prospecção por bateia no leito do Ribeirão do Carmo. Na encosta, os mineiros executavam pequenos serviços de minas e perfuração de poços subterrâneos, que geralmente estacionavam ao atingir o lençol freático. O escoramento insuficiente e a falta de drenagem tornavam frequentes os desabamentos”.

⁷ IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mariana/pesquisa/23/22787?detalhes=true>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

sua vez, em 2012 apresentou o enredo “7 Maravilhas da Estrada Real”⁸, também temáticas locais.

Esses dois sambas da escola de Passagem de Mariana fazem parte de um kit com as letras dos enredos que venceram os desfiles entre 2007 e 2011, período em que a escola conquistou um pentacampeonato. Estão em um lugar privilegiado, portanto, já que, na maioria dos demais enredos, o que resta está na memória dos carnavalescos mais assíduos. As agremiações marianenses, com exceção da Morro da Saudade, não possuem barracões próprios e, por isso, a cada ano as casas dos seus membros se transformam em pequenas oficinas. Isso acaba dificultando a preservação de documentos e outros materiais referentes aos desfiles e à própria organização das escolas de samba. É nesse contexto, em particular, que a mediação do jornalismo se apresenta como um meio de não apagamento da história dessa tradição.

O Jornal Ponto Final⁹, que desde 1995 está em circulação em Mariana e pode ser visto como o principal da cidade há pelo menos duas décadas, dedica espaços de suas páginas desde o seu primeiro ano em atividade, ainda no formato de revista. No entanto, nota-se que a cobertura esteve sempre mais preocupada em levar informações mais diretas e objetivas aos leitores do que se aprofundar nas nuances que permeiam o Carnaval das escolas de samba.

Um tema que costuma ganhar maior relevância é o financiamento dos desfiles, mas ainda assim com uma cobertura que não busca se comprometer. Há, por exemplo, uma notícia com o título “Secretário de Cultura prepara carnaval para ficar na história” (JPF, 2003, p. 4), que cita, indiretamente, uma fala do então titular da pasta: “Carlos Baeta avisa que será uma festa econômica, em que vai prevalecer a criatividade da escola em reciclar, assim como será feito na decoração da cidade”. Ao longo do texto, não há falas dos dirigentes das escolas de samba sobre o assunto, prevalecendo, assim, a versão da Prefeitura. Cabe ainda ressaltar que há uma demanda histórica das agremiações para o aumento dos valores repassados para os desfiles.

⁸ Há outros vários sambas-enredos que se dirigem a temáticas locais, de diferentes escolas e diferentes anos. Entretanto, pela ausência de um acervo do município com registros das festas e pela falta de estrutura das escolas de samba, o que se tem, hoje, são lembranças repletas de lacunas. Alguns membros se lembram de trechos das canções e outros de algumas alegorias, mas não é possível apontar os exatos enredos anteriores a 2000.

⁹ Publicações do Jornal Ponto Final sobre o Carnaval das escolas de Mariana, entre 1995 e 2021, foram consultadas previamente à escrita deste artigo, para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, um livro com perfis de carnavalescos da cidade, da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2020.

Em se tratando dos enredos que cada escola de samba levou à avenida, também há pouca discussão nas matérias veiculadas durante o Carnaval. Ainda em 2003, o Jornal Ponto Final chega a mencionar os temas de cada uma, mas não se prolonga a respeito. Curioso é que, no texto “Mariana abre alas para folia”, o jornal se abre para falar do desfile de uma escola do Rio de Janeiro:

Na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, o show fica por conta de Luiz Otávio Trindade, o popular “Bizuti”¹⁰, que trabalha na Companhia Vale do Rio Doce há pelo menos doze anos e foi o vencedor do concurso que elegeu os funcionários que desfilarão na Grande Rio. Essa escola de samba carioca fará homenagem à mineradora. Ele viaja amanhã, sábado 01, para o ensaio (...) Aos 60 anos, a Vale será o tema da escola de samba Grande Rio, uma das quatorze agremiações que compõem o grupo especial do carnaval carioca, que entra na Marquês de Sapucaí no domingo 03, com o enredo “Nosso Brasil que Vale” (JPF, 2003, p. 3).

Nesse mesmo ano, a escola de samba Unidos de Mariana venceu o desfile do município. O tema que levou à avenida foi “Século XVIII: nascimento e apogeu de uma cidade, canto e glória de sua gente”, que fez uma ode ao tempo do ouro, período marcado pela escravidão de pessoas negras na Região dos Inconfidentes. No entanto, o jornal não se propõe a refletir sobre as discussões que o período evoca, mas dar um panorama mais geral, como informar sobre a pontuação de cada escola e a reproduzir uma fala de uma carnavalesca da Unidos de Mariana: “Tudo já estava na minha cabeça. O enredo, a história demorou um tempo para pesquisar e adaptar os fatos históricos às condições da história” (JPF, 2003, p. 9)¹¹.

Vale também a lembrança da cobertura que fez o Jornal Ponto Final no desfile das escolas de samba de 2000. Mais uma vez com discursos mais objetivos, a publicação tratou do financiamento do espetáculo no texto “Escola de samba receberão R\$ 7 mil” (JPF, 2000) e optou por conversar com a então primeira-dama do município, mas não com os dirigentes das agremiações: “Margareth explicou que foi acertado que cada uma das escolas receberá R\$ 7.000,00. 'Os líderes das escolas aceitaram a argumentação do prefeito, de que o pagamento de R\$ 30 mil seria dinheiro excessivo', explicou a primeira-dama”.

¹⁰ Luiz Otávio Trindade, o “Bizuti”, não é mencionado por acaso. Trata-se de um morador de Mariana que, como o próprio texto revela, é conhecido na cidade.

¹¹ UNIDOS de Mariana é a vencedora do carnaval. Jornal Ponto Final, Mariana, 7-13 mar. 2003, p. 9.

Importante destacar que eventuais controvérsias no tratamento dado pela imprensa local ao financiamento do desfile das escolas de samba são relevantes se pensarmos em como ela retrata os enredos de cada agremiação, em particular no tocante às referências negras e locais. O samba-enredo de cada escola costuma ser apenas informado pelo título e o auge da informação se dá quando há algum breve comentário sobre o tema, com descrições curtas e falas dos carnavalescos. Não há, portanto, discussões a respeito dos elementos que são levados aos sambas, como a relação entre Oxum e Iemanjá com a poluição das águas do Ribeirão do Carmo no enredo “Ribeirão do Carmo: águas de ouro, águas de lixo”, de 2011, da Morro da Saudade. Tampouco reflexões sobre a escravatura durante o sempre lembrado ciclo do ouro na região.

O protagonismo negro das escolas de samba de Mariana

Ao longo de sua história, as escolas de samba de Mariana foram constituídas e são mantidas, até os dias atuais, com o protagonismo de pessoas negras (FERNANDES, 2020). Em cargos de diretoria, operacionais e diante do público, na avenida, homens e mulheres negras permitem que a tradição não se perca diante do tempo, mas que permaneça em meio às dificuldades financeiras. A escola de samba Morro da Saudade, por exemplo, é composta, majoritariamente, por pessoas negras. O mesmo acontece com a Acadêmicos do Barro Preto, que perdeu uma de suas fundadoras no primeiro semestre de 2020, a carnavalesca Ângela do Rosário Lopes. No entanto, não há dados oficiais a respeito da divisão racial entre os membros das agremiações marianenses e o entendimento se dá com base nos depoimentos dos próprios membros e na consulta a registros audiovisuais.

Cabe apresentar, brevemente, alguns e algumas dos protagonistas negros e negras das agremiações carnavalescas de Mariana. Ângela Lopes, que citamos no parágrafo anterior, é uma das fundadoras da Acadêmicos do Barro Preto. A escola de samba surgiu no seio de sua família, no bairro Barro Preto, em 2007, e estreou na avenida no ano seguinte. Sua irmã, Fátima Lopes, é outro nome forte da agremiação.

Na Morro da Saudade, José Roberto de Paula e Aloísio Chagas, dois dos fundadores, o ex-presidente José Arlindo Pinto, o puxador de samba Rogério Cesário e a costureira Sônia Maria das Neves estão entre as principais figuras da agremiação. Rogério, por exemplo, foi o primeiro intérprete a cantar um samba-enredo na escola de

samba no Carnaval de Mariana, em 1984, ainda em sua adolescência. Já Sônia transformou as próprias cortinas de sua casa, de cetim, em fantasias para um longínquo Carnaval.

Outro grande personagem das escolas de samba de Mariana foi Helvécio Ribeiro, antigo presidente da Mocidade Independente de São Gonçalo. Ele faleceu durante o desfile de sua agremiação, em 2003, enquanto atravessava a avenida. Até hoje, a história é lembrada por moradores que fazem questão de enfatizar o lugar de sua partida.

A morte trágica foi noticiada pelo Jornal Ponto Final de maneira tímida. Na matéria “Escolas de samba de Mariana dão show na avenida”, há um breve resumo sobre a noite de desfiles. Ao tratar sobre a participação da Mocidade, o jornal diz o seguinte:

(...) A Mocidade Independente de São Gonçalo mostrou a todos a importância da preservação da natureza e os quatro elementos da terra: a água, a terra, o fogo e o ar. Durante o desfile, o presidente da escola, Sr. Helvécio Ribeiro, não aguentou a emoção de ver sua escola na avenida e teve um infarto fulminante. Mesmo abalados com o ocorrido, em homenagem a Helvécio, a escola continuou na avenida e foi a mais aplaudida por todos que assistiram aos desfiles. Na opinião do público, foi a favorita à conquista do título do carnaval 2003 (JPF, 2003).

Houve também uma nota, na mesma edição, informando sobre um tributo a Helvécio que ocorreu no dia seguinte à sua morte, na rerepresentação dos desfiles das escolas, com o título “Componentes da Mocidade prestam homenagem ao presidente da escola”¹², em que afirma: “Um dos destaques levou uma faixa com a última mensagem dita por Helvécio, que mesmo morrendo pediu para que a escola continuasse desfilando”.

Ainda que curta, a evidência dada pelo Jornal Ponto Final a Helvécio Ribeiro foi capaz de apresentar uma dimensão humana do Carnaval das escolas de samba. A nota sobre a homenagem apresenta o carnavalesco como um amante da festa e faz um breve histórico sobre a sua passagem pela agremiação, percorrendo um pouco das entranhas dessa tradição. Após e por conta de sua morte, portanto, ele ganha um espaço

¹² COMPONENTES da Mocidade prestam homenagem ao presidente da escola. Jornal Ponto Final, Mariana, 07-13 mar. 2003.

que, ao longo de sua vida e de seu trabalho na escola de samba, não recebeu. Como os demais membros das escolas também não receberam e ainda não recebem.

Análise de cobertura jornalística

Recorremos, então, à análise de cobertura jornalística como protocolo metodológico proposto pelas pesquisadoras Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011). Cabe ressaltar que esse método se volta a “textos jornalísticos impressos e informativos”, como é o caso do Jornal Ponto Final, e “ajuda a pensar, a identificar e a tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (p. 26). Sua estrutura, por sua vez, acontece em três níveis analíticos: marcas de apuração; marcas da composição do produto; e aspectos da caracterização contextual, cada um partindo de um lugar diferente:

O primeiro, mais específico, funciona como uma teleobjetiva: recai exclusivamente sobre a matéria jornalística – tomada de forma isolada –, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em close-up. O segundo corresponde a uma lente normal, de alcance médio, pois que oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, agora enfocando não só o texto, mas o conjunto amplo do produto, como localização na página, diagramação, foto etc. E o terceiro atua como uma grande angular – não capta detalhes, mas oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-histórico-cultural em que se insere a produção jornalística (2011, p. 27).

Foram analisadas matérias jornalísticas entre 1995 e 2020 (período em que o jornal esteve em atividade até a realização desta pesquisa), publicadas durante os Carnavais, como também pouco antes e pouco depois dele, entre os meses de janeiro e abril de cada ano. A consulta ocorreu no acervo do próprio Jornal Ponto Final, que cedeu sua estrutura e o seu material para a pesquisa, permitindo, inclusive, que suas páginas fossem fotografadas.

No primeiro nível, “marcas de apuração”, podemos observar que, hegemonicamente, em todos os anos, as matérias veiculadas pelo Jornal Ponto Final sobre os desfiles das escolas de samba não contam com a assinatura de autoria. Desde a última década, inclusive, nota-se que cada nota, notícia ou reportagem são abertas com a

expressão “da redação”, o que ainda não revela a autoria de cada texto. Já o local de apuração do jornalista, em geral, é externo, com as informações colhidas durante os desfiles. Isso revela, por outro lado, um certo distanciamento do jornal com as questões referentes à preparação das agremiações para o Carnaval, com poucas matérias tratando das expectativas para as apresentações e nenhuma trazendo informações mais aprofundadas a respeito dos elementos que as escolas trazem por intermédio dos enredos, das fantasias e das alegorias, nem a respeito das pessoas por trás desse trabalho.

Em se tratando da origem das informações, é possível perceber a Prefeitura como a principal fonte, enquanto membros das escolas de samba vêm logo depois. A versão oficial do município costuma ditar o teor dos textos e não há muito espaço para as divergências com e entre as agremiações. Há notas e notícias, então, que sempre informam os valores das subvenções, os locais e horários dos desfiles e resumos das noites de apresentações. As informações sugerem vir em primeira mão, por meio de entrevistas feitas em campo e notas cedidas pela Prefeitura. Seria muito improvável as informações partirem de segunda mão, tendo em vista que se trata de um pequeno espetáculo que se limita à própria cidade, interessando à imprensa local.

Em relação ao gênero jornalístico dos textos publicados, encontramos notas, notícias e fotolegendas. Reportagens, que poderiam oferecer mais detalhes e mais histórias, não fazem parte do material produzido. A localização dos textos se dá tanto em páginas pares quanto ímpares, nos quatro quadrantes, em ambas as metades, ocupando páginas inteiras e, inclusive, com manchetes na primeira página. Já em relação a recursos visuais, em todos os anos há fotografias dos desfiles, mas não encontramos gráficos, tabelas, boxes, infográficos ou ilustrações.

No terceiro e último nível, “aspectos da caracterização contextual”, encontramos dois tipos de caracterização contextual, a interna e a externa. Em relação à primeira delas, percebemos que a área de abrangência é a Região dos Inconfidentes, em especial Mariana, e o jornal se dirige aos moradores adultos e mais velhos, bem como a comerciantes (atuais e possíveis anunciantes). A redação é enxuta, comum em jornais de pequenas cidades, com poucos profissionais. O jornal, em formato tabloide, conta com uma caracterização visual simples e funcional, privilegiando anúncios em detrimento de conteúdos visuais e verbo-visuais.

No que se refere ao contexto externo, notamos que faltam discussões sobre temas que perpassam o Carnaval das escolas de samba. Há um vácuo se pensarmos nas escolas de samba como expressão da população negra no cenário cultural da cidade. Principalmente se considerarmos a conjuntura sócio-histórica-cultural dessa população. Aos negros, mais uma vez, é reservado um pequeno espaço nas páginas dos jornais. Vale ainda ressaltar que o Carnaval representa uma festa eminentemente popular e que deveria ser objeto de ampla divulgação, em função de seu caráter participativo.

Considerações finais

Até mesmo os olhares menos atentos são capazes de perceber o protagonismo negro nas escolas de samba de Mariana. Ele está nos sambas-enredos, nos barracões improvisados, nos dirigentes, nos carnavalescos e carnavalescas, nas costureiras, na bateria, nas alas e em seus demais espaços; essa evidência, aliás, corrobora o perfil populacional da cidade.

Ao fazer a análise do material, pudemos observar, entretanto, que as marcas da apuração indicam a forte presença de fontes institucionais em detrimento de fontes e personagens das escolas de samba. Notamos ainda que os enredos das escolas, muitos deles contando a história do povo negro, não são veiculados de maneira abrangente. Percebemos que as marcas da composição das matérias obedecem a critérios de noticiabilidade formais de divulgação, sem contar com elementos jornalísticos que poderiam contribuir para ampliar a visão do leitor sobre as atividades das escolas, como histórias do Carnaval, personagens relevantes, imagens do processo de preparação da festa, entre outros. Por fim, observamos ainda que a relação entre as escolas de samba e as dificuldades encontradas pelo povo negro a partir de sua localização na base da pirâmide social, além dos constantes preconceitos sofridos diariamente, não aparecem na cobertura jornalística.

Em uma tradição em que o testemunho oral é tão significativo e contrapõe a ausência de registros documentais por parte das escolas de samba e da Prefeitura, os registros da imprensa local e, em especial do Jornal Ponto Final, mostram-se como importantes ferramentas de preservação da memória. Contudo, percebe-se que a apropriação do tema por conta do jornalismo local sofre de um objetivismo que peca ao não demarcar lugares e ao não evidenciar questões importantes. Ainda há tempo, no

entanto, para os registros desses testemunhos orais. Uma atenção direcionada aos personagens e tramas desse universo pode ser capaz de entregar uma ode a uma tradição tão importante para uma cidade como Mariana como é o desfile das escolas de samba.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Amaílton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

COMPONENTES da Mocidade prestam homenagem ao presidente da escola. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 07-13 mar. 2003.

DINIZ, André. **Almanaque do samba**: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ESCOLAS de samba de Mariana dão show na avenida. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 07-13 mar. 2003.

ESCOLAS de samba receberão R\$ 7 mil. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 2000.

FARIA, Guilherme José Motta. As escolas de samba do Rio de Janeiro nos anos 60 e as narrativas sobre a história do negro na avenida. **Faces da História**, Assis, v. 3, ed. 2, p. 75-97, jul.-dez. 2016.

FERNANDES, Elias Costa. **Além da avenida**: carnavalescos de Mariana em perfis. 2020. 116 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

JRP. **Journalistic role performance around the globe**. Disponível em: <journalisticperformance.org>. Acesso em: 06 mai. 2021.

MAIA, Marta R. **Narrativas radiofônicas**: memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930-1950). 1ª. ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019.

MARIANA abre alas para folia. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 28. fev-6 mar. 2003, p. 3.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa – a tripla mimesis. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: A intriga e a narrativa histórica. Vol. 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 93-140.

SCHMITZ, Aldo. O jornalista como guardião da sociedade: um cão de guarda na coleira. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2018, p. 1-14. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1511/935>>. Acesso em 16. jun. 2021.

SECRETÁRIO de Cultura prepara carnaval para ficar na história. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 7-13 fev. 2003, p. 4.



SILVA, Gislene.; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, 2011, p. 18-36.

SOUZA, Rafael de Freitas e. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: A Mina da Passagem de Mariana (1863-1927)**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Pereira Toledo Machado. 2009. 478 p. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

UNIDOS de Mariana é a vencedora do carnaval. **Jornal Ponto Final**, Mariana, 7-13 mar. 2003, p. 9.

ZELIZER, Barbie. Memory as foreground, journalism as background. In: **Journalism and memory**. Palgrave Macmillan UK, 2014. p. 32-49.